

## A CRISE FINANCEIRA DE 2008 E OS NOVOS FLUXOS MIGRATÓRIOS ITALIANOS PARA MINAS GERAIS

*THE 2008 FINANCIAL CRISIS AND THE NEW ITALIAN MIGRATORY FLOWS TO MINAS GERAIS*

### **Maria Rosaria Barbato**

Professora do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da UFMG – Belo Horizonte-MG/BR. Doutora em Direito pela Università di Roma Tor Vergata. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Trabalho em Movimento- TREM/UFMG. Coordenadora da pesquisa Crise, trabalho e novos fluxos migratórios: mapeamento de perfis e ações na imigração entre Itália e Brasil, a partir da crise econômica, política e social de 2008.  
E-mail: mr\_barbato@hotmail.it

### **Maria Antonieta Fernandes**

Mestranda em Direito do Trabalho pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMG. Integrante do Grupo de Pesquisa Trabalho em Movimento- TREM/UFMG. Oficiala de Justiça Avaliadora/TJMG. Poeta.  
E-mail: talluferndes@gmail.com

### **Lívia Maria Dutra**

Professora do Departamento de Computação do CEFET-MG. Doutora e Mestra em Estatística pela UFMG. Integrante do Grupo de Pesquisa Trabalho em Movimento- TREM/UFMG.  
E-mail: liviadutra.estadistica@gmail.com

Recebido em: 09/03/2022  
Aprovado em: 13/05/2022

**RESUMO:** O tema das migrações envolve uma série de complexidades, pois o ato de migrar se interrelaciona com diversas outras atividades e fenômenos com os quais se imbrica continuamente, a partir das diversas relações que os migrantes estabelecem entre si e com o ambiente que os circunda enquanto formam os chamados fluxos migratórios. Consideradas essas complexidades, este artigo trata do tema das migrações italianas para Minas Gerais, relacionando-o com a crise financeira de 2008, apresentando uma síntese dos resultados da pesquisa “Crise, trabalho e novos fluxos migratórios: mapeamento de perfis e ações na imigração entre Itália e Brasil, a partir da crise econômica, política e social de 2008”, apresentada à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG e realizada por professores e alunos do curso de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG com apoio de parceiros.

**Palavras-chave:** Crise financeira de 2008. Imigrantes italianos. Minas Gerais.

**ABSTRACT:** The migrations matter involves multiple complexities as the act of migrating

interrelates with many other activities and phenomena in continuous imbrication. This happens due to various relations established by migrants with each other and with their surroundings during the formation of the so-called migration flows. Considering these complexities, this article addresses the subject of Italian migrations to Minas Gerais, connecting it to the 2008 financial crisis, based on the results of the “Crisis, work and new migratory flows: mapping profiles and actions in immigration between Italy and Brazil, from the economic, political and social crisis of 2008” report. The report was presented to the Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG and realized by teachers and students of the Law course of the Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG with support of partners

**Keywords:** 2008 financial crisis. Italian immigrants. Minas Gerais.

**SUMÁRIO:** Introdução. 1 A crise de 2008 na Itália e no Brasil. 2 A rememoração da imigração italiana para o Brasil no pós-crise de 2008. 3 Perfil socioeconômico dos novos imigrantes italianos em Minas Gerais. 3.1 Trabalho. 3.2 Educação. 3.3 Saúde. 3.4 Questões complementares. 4 A crise de 2008 e as migrações no pós-crise: fatos e percepções. Considerações finais.

## INTRODUÇÃO

O ato de migrar constitui um fato social total em razão de repercutir em todas as esferas da sociedade em seus aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais, jurídicos e religiosos. Trata-se de uma atividade que acompanha o próprio desenvolvimento da raça humana, podendo ser considerado indissociável do homem o impulso de mover-se no espaço, dada à naturalidade com que as pessoas se deslocam de um lugar para outro no mundo. “*Assim o fenômeno da migração compõe a arte da própria evolução humana: desde a antiguidade até a contemporaneidade, em inúmeros momentos históricos, migrar foi e é preciso para a busca por condições melhores de vida*” (D’Ambrosio e Lima, 2018, p. 6).

Historicamente, a primeira grande corrente migratória para Minas Gerais foi registrada no período compreendido entre 1884 e 1901, quando chegaram neste estado, entre outros estrangeiros, os primeiros italianos. Foi a partir do ano de 1887 que o governo de Minas Gerais passou a incentivar oficialmente a imigração, diante da necessidade de novos trabalhadores nas grandes fazendas do interior do estado. Neste primeiro momento, a administração estadual foi forçada a assumir todos os encargos da viagem e estipular contratos com particulares. Essa iniciativa visava garantir um fluxo contínuo de imigrantes, capaz de suprir as exigências advindas da escassez de mão de obra, consequência da eliminação gradativa do trabalho escravo no país, já bem próximo, portanto da Abolição da Escravatura no Brasil, que viria a se concretizar no ano seguinte, em 1888.

Passados pouco mais de um século desde aquele período, Minas Gerais continua a receber imigrantes italianos, sendo que, em sua maioria, essas pessoas ainda se declaram movidas pelos mesmos interesses de seus antecessores – a busca por trabalho e melhores condições de vida.

A pesquisa “Crise, trabalho e novos fluxos migratórios (2008-2016)<sup>1</sup>,” executada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com apoio da Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (Fapemig), teve como principal objetivo mapear os perfis e atividades da imigração italiana para o Estado de Minas Gerais após o período da grande crise econômica, política e social que se alastrou mundialmente a partir dos anos 2008, gerando repercussões irreversíveis para o mundo do trabalho globalmente organizado.

---

<sup>1</sup> Refere-se à mais recente grande crise financeira do capitalismo, que se alastrou mundialmente após o dia 15/09/2008, quando, no USA, por volta de 1h45 da manhã, o banco Lehman Brothers (fundado em 1850) declarou falência, deixando para trás um débito de US\$ 691 bilhões e 25 mil funcionários desempregados.

Todavia, apesar deste primeiro objetivo, e apesar de esta pesquisa manter o tema do trabalho e da grande crise financeira de 2008 em perspectiva enquanto analisa este fenômeno migratório, vale ressaltar que já não se compreende mais o imigrante unicamente como “trabalhador” ou como “unidade econômica”, em razão das múltiplas determinações que cada vez mais interagem reciprocamente na constituição da vida de um imigrante.

Assim, a pesquisa propôs verificar possíveis impactos daquela crise sobre os italianos que se dirigiram para o território mineiro após a sua eclosão, buscando compreender as relações diretas ou indiretas entre os efeitos daquela recessão e os fatores de repulsão e atração que atuaram nas *novas migrações*<sup>2</sup> Itália-Brasil.

Este artigo tem como principal objetivo apresentar uma compilação dos resultados obtidos pela pesquisa, e a sua estrutura se organiza da seguinte maneira: na seção 1 comenta sobre a crise de 2008 e os diferentes modos como seus efeitos foram sentidos na Itália e no Brasil; na seção 2 expõe os resultados dos dados coletados junto aos diferentes tipos de fontes utilizadas; na seção 3 objetiva uma sistematização desses dados visando alguns apontamentos sobre a relação entre a crise de 2008 e as novas migrações italianas para Minas Gerais; na seção 4 registra as considerações finais.

## 1 A CRISE DE 2008 NA ITÁLIA E NO BRASIL

O colapso financeiro, iniciado em 2008 culminou em uma recessão econômica que se instaurou já em 2009 no continente europeu, espraiando-se por toda a economia mundial. Deve-se considerar que, dentre os países da União Europeia, no sul da Europa, Portugal, Itália, Grécia e Espanha (PIGS) foram os mais afetados. Neste sentido

Mesmo em 2010, a situação manteve-se particularmente preocupante, com défices na região da ordem dos 9%. Sim. Tenha em mente que em 2009 alguns sinais claros apontavam para como alguns países e economias foram mais afetados que outros pela crise e sobretudo pelo forte crescimento da dívida pública. (PAVOLINI e RAITANO, 2015, p. 14, tradução nossa).

Mesmo antes da crise de 2008 a Itália já se encontrava com uma economia profundamente abalada. Desde a década de 1990, uma série de políticas de austeridade fiscal, associadas a processos sucessivos de flexibilização das leis de proteção do trabalho provocaram o rompimento dos direitos e garantias que protegiam os trabalhadores contra as instabilidades de um sistema político e econômico sempre em crise.

A partir de 2008, o crescimento do PIB foi sempre abaixo de 2% ao ano. No período considerado houve uma severa recessão, cujo ponto mais baixo foi em 2009, com uma queda de -5,5%. Logo, houve uma hesitante recuperação em 2010 e 2011, respectivamente de 1,7% e 0,6%. Em 2012 e 2013, o PIB volta a cair de forma expressiva. De 2014 em diante, o desempenho foi pífio, com um crescimento do PIB lento. (DAVANZATI e GIANGRANDE, 2019).

Comparativamente, os efeitos da crise no Brasil viriam a ser bem menos duros nos primeiros anos após a segunda-feira do dia 15 de setembro de 2008, por uma série de fatores internos e externos que balizavam a economia brasileira. Isto fazia deste país um lugar atraente para muitos imigrantes que fugiam do caos social em que seus países de origem mergulharam da noite para o dia.

---

<sup>2</sup> A expressão “novas migrações” é utilizada neste artigo referindo-se às migrações italianas para o Estado de Minas após o período da crise capitalista de 2008.

Ao contrário do que ocorria na Itália, no Brasil, por meio de redução de juros e impostos, incentivos ao aumento da renda média nacional e larga oferta de crédito pessoal principalmente por meio dos grandes bancos federais, o governo brasileiro adotou políticas de estímulo ao consumo, induzindo a população a continuar movimentando a economia interna, a fim de evitar que o país mergulhasse também na recessão. Paul Singer, ainda em 2009, fazia uma análise dos efeitos das ações governistas brasileiras de contenção da crise.

Dados indicam que a crise internacional tem um impacto crescente sobre a economia brasileira, mas esse impacto está sendo contido e possivelmente revertido pelo conjunto de políticas financeiras, econômicas e sociais do governo. No momento (meados de março de 2009), as informações disponíveis não permitem interpretações seguras. O fato é que a brutal reversão do desenvolvimento, ocorrida no último trimestre de 2008, parece ter sido contida nos primeiros meses de 2009. A queda nas vendas do comércio foi revertida em janeiro e dados colhidos por amostra indicam que a inflexão foi mantida nos meses seguintes. Isso significa que a estratégia de substituir pela expansão da demanda interna a queda (ainda em aceleração) da demanda dos outros países por nossos produtos está dando resultados. (SINGER, 2009).

Ao mesmo tempo, os altos preços das commodities sustentavam à época bons retornos para a economia brasileira no mercado externo. Foi justamente neste período que a classe média brasileira alcançou sua melhor posição econômica em toda sua história, ao ter largo acesso a bens de consumo duráveis, viagens, melhores condições de saúde, trabalho e educação.

No *Rapporto Italiani nel Mondo 2011* é traçado um quadro bem interessante de como o Brasil era percebido nos anos imediatamente sucessivos a crise econômica e financeira de 2008.

O Brasil, há muito tempo, não é mais apenas o país do Carnaval, das belas praias, dos bosques e florestas o do espetáculo exuberantes do futebol. Hoje o país se impõe como um gigante, cuja economia é tão arrebatadora a ponto de escapar a crises econômicas, atrair investimentos externos se equiparando a outras economias de países emergentes como China, Índia e Rússia. O Brasil está atualmente envolvido no esforço de diminuir os índices de pobreza e desigualdade social, participa de grandes eventos internacionais, promovendo a paz e o respeito aos direitos humanos e ambientais.

Embora ainda haja muito a ser feito para resolver os problemas internos e alcançar o

Países mais desenvolvidos do mundo, o Brasil está buscando “o seu lugar” no cenário internacional. Já sediou importantes encontros como a ECO-92, o Fórum Social Mundial em 2003 e sediará dois grandes eventos esportivos internacionais: a Copa do Mundo em 2014 e, pela primeira vez, as Olimpíadas em 2016.

A situação atual exige chama a atenção para esta parte do mundo, localizada ao sul do continente americano e banhada pelo Oceano Atlântico.

Brasil, um país de 190 milhões de habitantes, cuja economia está entre as dez maiores

importante no mundo, é o lugar onde as mais variadas culturas se encontraram no passado. Imigrantes vinham de todas as partes do planeta e se misturavam com a população local, formando uma das sociedades mais misturada no mundo. Essa provavelmente é a razão pela qual o brasileiro é tão tolerante com a diversidade, crenças religiosas, usos e costumes, que em outras partes do mundo gerariam discórdia, enquanto aqui despertam interesse e curiosidade.

Por essas razões, os imigrantes, entre os quais os italianos também escolheram no passado, e todos ainda hoje escolhem o Brasil como destino de seu projeto migratório. (FONDAZIONE MIGRANTES, 2011, 357, *tradução nossa*)

Lado outro, a Itália enfrentava grandes dificuldades. Diante da crise econômica, observou-se que novamente muitos italianos começaram a deixar seu país em busca de melhores oportunidades de vida e trabalho, sendo esta, conforme apontam os resultados da pesquisa, a principal motivação da imigração italiana para o Brasil no período.

A motivação econômica é, historicamente, um dos principais motores dos movimentos migratórios internos e externos. Diante de uma situação de instabilidade econômica e financeira, muitas pessoas tendem a se deslocar dos lugares onde se encontram, partindo em busca de novas oportunidades materiais.

Em um cenário contrastante entre Itália e Brasil diante da crise de 2008, era natural que mais uma vez este país se apresentasse como uma alternativa razoável para os italianos que se dispusessem a encarar os desafios da imigração. Foi partindo dessa hipótese, portanto, que se deu início ao trabalho da pesquisa, com o intuito de traçar o perfil socioeconômico dos imigrantes do pós-crise 2008, a fim de obter um quadro geral das novas migrações italianas para Minas Gerais.

## 2 A REMEMORAÇÃO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA PARA O BRASIL NO PÓS-CRISE DE 2008

Ângela de Castro Gomes (2007), ao se referir aos imigrantes que deixaram a Itália no período do primeiro fluxo migratório para o Brasil, analisa características dos italianos que vieram para este país:

Os imigrantes que deixaram a Itália na época da “grande imigração”, como a tabela e o mapa demonstram, foram sobretudo os vênéticos, cerca de 30% do total, seguidos dos habitantes da Campânia, Calábria e Lombardia. Ou seja, inicialmente foram italianos da região setentrional – preferidos, pois considerados mais louros e altos –, em grande maioria pequenos proprietários, arrendatários ou meeiros, para quem a possibilidade do acesso à terra era um estímulo decisivo para o empreendimento da arriscada viagem. Eles foram imediatamente sucedidos por meridionais – identificados como mais pobres, rústicos e “morenos”, geralmente camponeses que não dispunham de nenhuma economia e eram chamados de *braccianti*. Mas, em qualquer um dos casos, nesse período, dava-se preferência à imigração de famílias e não de indivíduos isolados: famílias numerosas, de cerca de uma dúzia de pessoas, e integradas por homens, mulheres e crianças de mais de uma geração. (GOMES, 2007, p. 166).

A fim de atualizar o quadro geral do perfil migratório italiano para o estado de Minas Gerais, os pesquisadores coletaram dados estatísticos e documentais, conjugando-os com uma pesquisa de campo.

Na primeira etapa, os pesquisadores coletaram dados junto ao Sincere (Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros) e do Sismigra (Sistema de Registro Nacional Migratório)<sup>3</sup>, que comportam os dados Polícia Federal brasileira, extraindo-se dados contidos nos pedidos de cadastro para a emissão da RNM (Registro de Nacional Migratório)<sup>4</sup>; junto ao Consulado Italiano em Minas Gerais (Anagrafe dos Italianos Residentes no Exterior – AIRE); e à OBMIGRA – Observatório das Migrações Internacionais.

Na segunda etapa, os pesquisadores promoveram incursões presenciais em eventos da comunidade italiana na capital mineira, em um primeiro momento e, posteriormente, distribuíram

<sup>3</sup> Até 2017, sob o Estatuto do Estrangeiro, os registros formavam o Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros (Sincere). Com a Nova Lei de Migração, em 2018, passaram à denominação de Sistema de Registro Nacional Migratório (Sismigra).

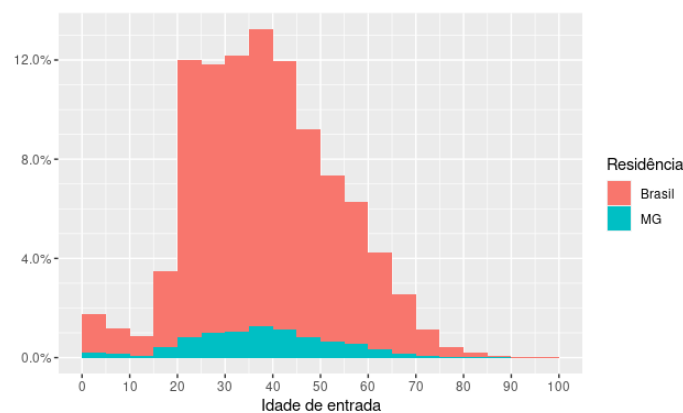
<sup>4</sup> Antigo Registro Nacional de Estrangeiro (RNE).

eletronicamente os questionários estruturados, que foram dirigidos a italianos e italianas com entrada em Minas Gerais a partir de 2008.

A análise dos dados apurou que houve 23.126 novos registros de pessoas com nacionalidade italiana que entraram no Brasil e se registraram entre os anos de 2008 e 2016, sendo, destas, 2.044 fixando residência em Minas Gerais. Para os fins desta pesquisa, foram consideradas nesta apuração somente as pessoas com nacionalidade italiana que deram entrada no Brasil entre os anos de 2008 e 2016 e que se registraram na PF até maio/2017. Deve-se observar que apesar de a legislação exigir o registro no prazo de 30 dias após a entrada, há muitos que fazem o seu registro após este prazo, até mesmo anos depois, quando nunca.

Trata-se de um fluxo predominantemente masculino, numa proporção de 80% homens para 20% mulheres. Quanto à idade, a maior frequência observada é para a faixa etária 35 a 40 anos, representando mais de 13% dos imigrantes nesta faixa etária. Para residentes em MG, essa também é a faixa etária com maior frequência. Quase 60% dos imigrantes entraram no Brasil com idade entre 20 e 45 anos. A parcela de imigrantes residentes em MG parece seguir a mesma tendência de todo o Brasil. A Idade média de entrada, considerando todo o Brasil é 38,9 anos, sendo muito próxima a dos residentes em Minas, que ficou em 38,2 anos.

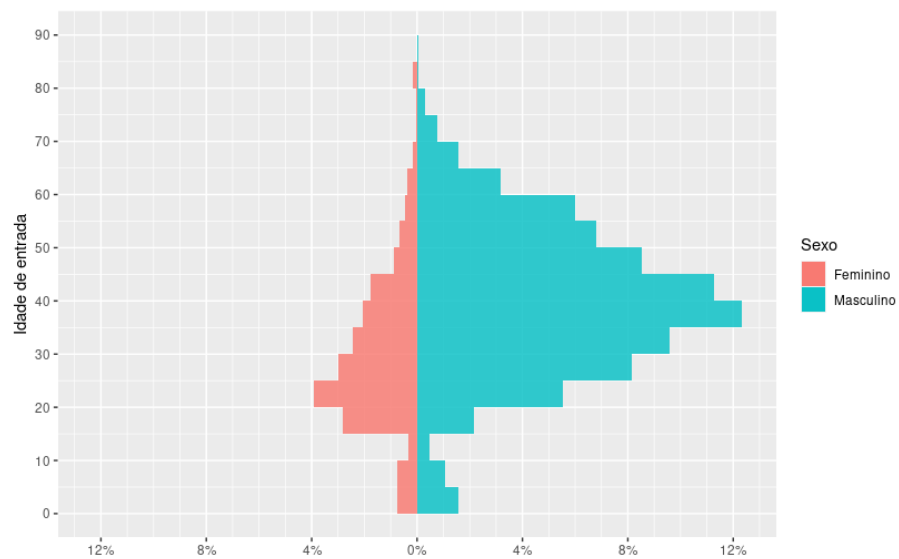
### Histograma para Idade de entrada dos imigrantes.



A idade de entrada foi calculada a partir da data de nascimento e data de entrada no Brasil (não é uma informação presente nos dados do SINCRE). A maior frequência observada é para a faixa etária 35 a 40 anos, representando mais de 13% dos imigrantes nesta faixa etária. Para residentes em MG, essa também é a faixa etária com maior frequência. Quase 60% dos imigrantes entraram no Brasil com idade entre 20 e 45 anos. A parcela de imigrantes residentes em MG parece seguir a mesma tendência de todo o Brasil. A idade média de entrada, considerando todo o Brasil é de 38,9 anos e para residentes em MG, de 38,2 anos.

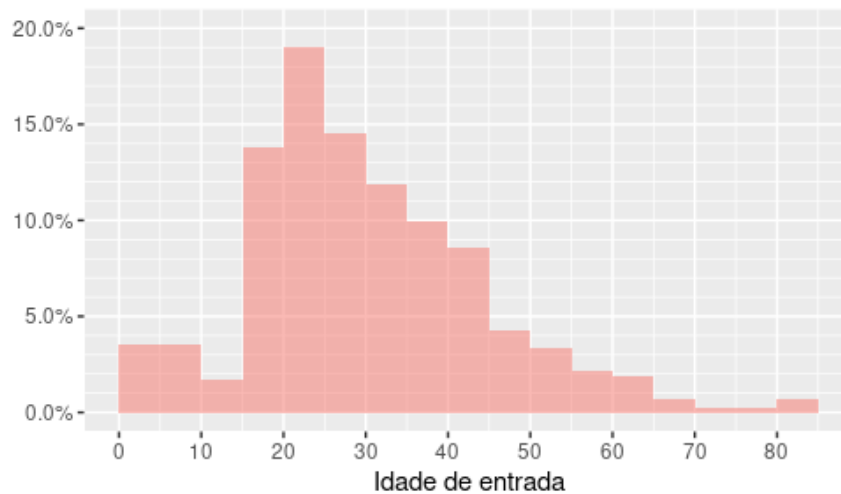
Do total apurado, os homens chegam em uma faixa etária superior à que foi registrada entre as mulheres, de modo que eles chegam em maior número entre os 35 e 40 anos, enquanto as mulheres desembarcam no Brasil, em sua maioria, entre os 20 e 25 anos.

### Pirâmide etária imigrantes italianos no Brasil (2008-2016) (POR SEXO)

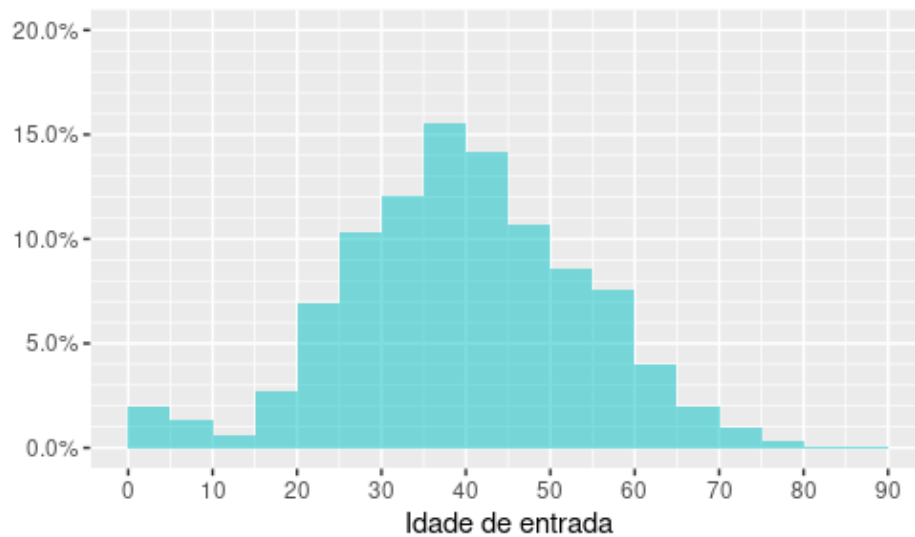


Para Minas, aproximadamente 60% das mulheres imigrantes, que residem no estado, chegaram ao Brasil com idade entre 15 e 35 anos. Já entre os homens, aproximadamente 62% dos imigrantes que residem em MG chegaram ao Brasil com idade entre 25 e 50 anos. Gráficos abaixo.

### Idade de entrada de mulheres italianas em MG (2008-2016)

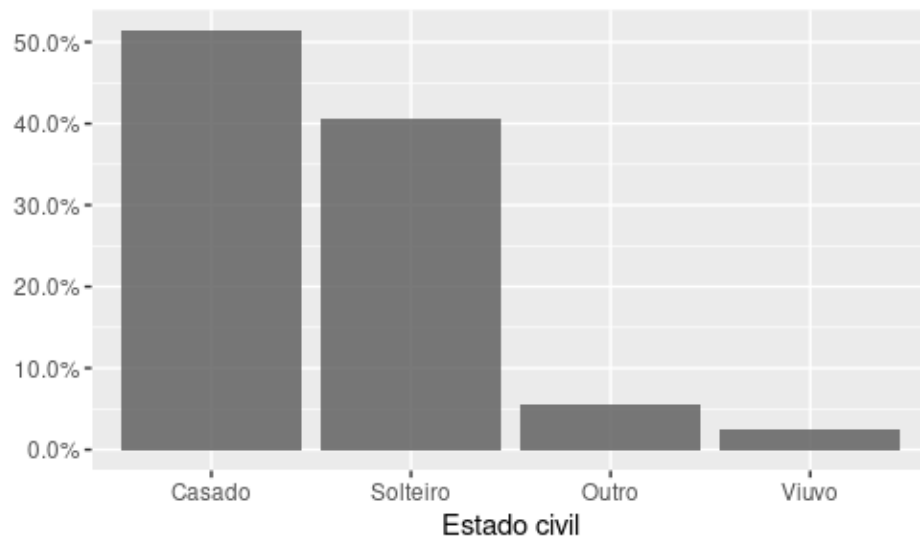


### Idade de entrada de homens italianos em MG (2008-2016)



Pouco mais de 50% dos imigrantes são casados. Aproximadamente 40% solteiros e 10% viúvos ou “outros”.

### Estado civil imigrantes italianos no Brasil (2008-2016)



Quanto ao tipo de visto concedidos, há uma proporção de aproximadamente 60% dos imigrantes com visto temporário e 40% com visto permanente, sendo que tanto mulheres quanto homens têm a mesma tendência de classificação de visto: maior parcela com visto temporário e uma menor parcela com visto permanente. Proporcionalmente, os homens têm uma maior parcela de vistos permanentes do que as mulheres. De todos imigrantes com visto temporário, pouco mais de 75% são homens e menos de 25% são mulheres. Enquanto para o visto permanente, pouco mais de 80% são homens e menos de 20%, mulheres. É possível observar que mais de 40% dos homens têm visto permanente, o que ocorre para pouco mais de 35% das mulheres.

Após a coleta de dados estatísticos, de acordo com planejamento inicial, os pesquisadores buscariam o público-alvo em eventos promovidos pelo consulado, pelo Comitês e outras associações e/ou entidades ligadas à comunidade italiana. Querendo proceder para um estudo qualitativo de natureza social, a técnica de metodologia adotada seria a realização de grupos focais,



para discutir o contexto vivenciado pelo público-alvo, valores, conceitos, experiências e para buscar confirmação de hipóteses levantadas.

Considerando as dificuldades impostas pela pandemia de Covid-19, os trabalhos da pesquisa de campo foram consideravelmente prejudicados, especialmente em razão do modo devastador que a crise sanitária foi sentida no Brasil e particularmente na Itália, primeiro país que, depois da China, teve que lidar com o enfrentamento a uma doença desconhecida e que deixou o mundo todo com a respiração suspensa.

Em particular, de acordo com Maria Rosaria Barbato se por um lado todos ficaram isolados e com sentimento de desamparo diante da extensão da dramática tragédia, antes que a gravidade da doença fosse percebida neste país, os italianos no Brasil ficaram, desde o começo, particularmente abalados com o desenrolar da pandemia na Itália, devido ao crescente número de infecções e mortes lá registradas e, ainda, ao medo de uma possível propagação semelhante do vírus num país tão vulnerável como o Brasil. Foi geral o sentimento de preocupação com seus familiares e conhecidos, a tristeza por tantas famílias de compatriotas afetadas pela tragédia, e a impossibilidade de se despedir ou de estar junto de seus entes queridos pela dificuldade de regressar à terra de origem devido às restrições impostas (BARBATO, 2020)

A pandemia impossibilitou o desenvolvimento da pesquisa de campo em toda sua completude. Naturalmente, devido ao estabelecimento da política de isolamento social imposta no Brasil, foi impossível proceder aos contatos diretos inicialmente planejados, o que deveria permitir a sucessiva realização dos grupos focais. Os pesquisadores observaram que, com o enfrentamento traumático da doença, houve uma grande dificuldade de comunicação com a comunidade italiana residente em Minas Gerais, o que inviabilizou a realização de grupos focais, inclusive virtuais.

Sucessivamente, optou-se por submeter aos italianos recém-chegados em Minas Gerais questionários estruturados (um tempo médio de resposta de 10 minutos), contando com o apoio e interesse inicialmente manifestado pelo Consulado italiano de Belo Horizonte à pesquisa, bem como de outros sujeitos que poderiam auxiliar.

Contudo, diante do estado de calamidade em que se encontraram repentinamente a Itália, o Brasil e o mundo, os pesquisadores perderam os canais de cooperação com membros representantes daquele país, com os quais mantinham uma relação de plena cooperação e, mais prejudicialmente, com o próprio Consulado italiano em Minas Gerais. Em especial, foi recebida do Consulado a negativa de apoio à divulgação do questionário, fundamentada em nota do responsável pela proteção dos dados pessoais do Ministério do Exterior e da Cooperação Internacional (MAECI), cujas exigências extremamente rigorosas em matéria de privacidade dos dados e seu tratamento impediram que o Consulado pudesse oferecer um suporte neste sentido. O envio sucessivo por parte desta instituição de algumas informações sobre os recém-inscritos no Anagrafe dos italianos residentes no exterior (Aire) auxiliou, mas não foi suficiente para compensar o prejuízo ao acesso à comunidade italiana para fins de pesquisa qualitativa. Esse revés afetou bastante o projeto.

Foram feitas perguntas fechadas (múltipla escolha e caixas de seleção) e também abertas. A primeira opção visava obter quadros gerais do perfil dos imigrantes, enquanto as opções de perguntas abertas forneceram uma dimensão qualitativa, englobando questões que não foram contempladas na primeira alternativa de respostas, além de permitirem novas entradas de questionamentos não previstos pelos pesquisadores.

Optou-se por um questionário submetido bilíngue, a fim de tornar a pesquisa mais amigável ao público-alvo. Feedbacks positivos dos respondentes confirmaram a sua satisfação com a forma do questionário, ao fim da entrevista.

O Termo de Consentimento da pesquisa foi aceito por todos os participantes, que demonstravam compreender os objetivos propostos, sendo-lhes oportunizado solicitar esclarecimentos, se necessário. O anonimato dos respondentes facilitou respostas mais descontraídas e espontâneas. Isso porque há no questionário questionamentos muito pessoais, incluindo status familiar, nível de renda, grau de formação educacional, entre outros.

Neste sentido, a preservação da identidade dos respondentes endossa a preocupação dos pesquisadores com os princípios éticos de uma pesquisa científica. Ainda quanto a essa preocupação, a relação entre os pesquisadores e os sujeitos da pesquisa foi amparada pelos ditames do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A pesquisa se dividiu em 4 grandes tópicos: 1) dados sociodemográficos; 2) trabalho; 3) educação; e 4) saúde.

### 3 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS NOVOS IMIGRANTES ITALIANOS EM MINAS GERAIS

Dentre os respondentes, 64% se declararam do sexo masculino, ao passo que 36% se identificaram como “feminino”. Todos entre 25 a 54 anos de idade. 8% possuem entre 25 e 29 anos; 12% entre 30 e 34 anos; 32% entre 35 e 39 anos, somando o intervalo majoritário de respostas; 12% entre 40 e 44 anos; 20% entre 45 e 49 anos; e 16% entre 50 e 54)

Quanto ao estado civil, 60% dos respondentes afirmaram estarem casados e, em alguma medida, esse fluxo migratório envolveu toda a família, diferentemente de outros migrantes, como por exemplo aconteceu com o recente fluxo migratório de haitianos para Minas Gerais. 32% afirmaram estarem solteiros, 4% divorciados, outros 4% separados e não houve resposta de viúvos.

Considerando a importância de uma boa capacidade de comunicação para a integração do imigrante, questionou-se sobre o grau de entendimento da língua portuguesa. Os respondentes puderam marcar mais de uma alternativa, pois se buscava avaliar tanto a capacidade de expressão oral quanto a capacidade de compreensão da língua. Os dados demonstram que há uma boa capacidade de expressão e de entendimento de modo geral. Das respostas obtidas, 72% afirmaram que entendem bem a língua portuguesa; 92% ressaltaram que falam bem o português e apenas 4% assumiram que não falam bem.

Sobre o tipo de visto, a maioria dos respondentes, 72%, possui Visto Permanente. Deve-se pontuar que se trata de um Visto normalmente associado ao desejo de uma permanência mais longa no lugar de destino, podendo se tratar de estadia de longo prazo ou mesmo da intenção de naturalização, o que pode resultar na eventual obtenção da Dupla Cidadania, presente em 8% das respostas. A Dupla Cidadania concede ao imigrante o pertencimento a dois Estados Nacionais, neste caso, Brasil e Itália. Ela facilita que seu portador transite com maior facilidade entre os dois países, enfrentando menos procedimentos burocráticos, o que favorece a manutenção de vínculos pessoais e culturais em ambos os lugares.

Ainda, 4% dos respondentes possuem Visto de Turista, e outros 4% afirmaram possuir o Visto Temporário, revelando a intenção de curta permanência no país; também 4% afirmaram possuir o Visto de Investidor, em geral concedido a sócios ou empresários estrangeiros que possuem atividades e movimentações financeiras no Brasil; e 4% afirmaram possuir Visto Religioso, documento concedido a pessoas que exerçam atividades de missões religiosas no país de destino.

O porte do visto indica a condição regular desses imigrantes, sendo um dado relevante, sobretudo se comparado a outras condições migratórias, oriundas de países que enfrentam crises de naturezas diversas e de gravidade ainda maior do que as crises econômicas e políticas da Itália.

A questão seguinte visava compreender se essas migrações estavam concentradas em temporalidades próximas ou esparsas no tempo. As respostas demonstraram não haver um marco anual ou bianual que possa ser definido como um padrão temporal dessas migrações. 8% chegaram no ano de 2007; 8% em 2008; 4% em 2009; 4% em 2010; 12% em 2011; 4% em 2012; 16% em 2013; 8% em 2014; 12% em 2015; 0% em 2016; 12% em 2017; 0% em 2018; 8% em 2019 e 4% em 2020.

Este registro não significa que essa tenha sido a primeira vez que vieram ao Brasil ou mesmo que seja o momento crucial de mudança dos respondentes para Minas Gerais. Assim, perguntou-se se eles já estiveram no Brasil anteriormente; se sim, quando e o motivo.

Afirmaram que já estiveram no Brasil anteriormente 76% dos respondentes. Estudos e intercâmbios em Universidades brasileiras e busca por trabalho foram apontados como fatores de atração, além de outros motivos mais pessoais.

Ainda quanto à estabilidade do vínculo desses migrantes com o Brasil, 12% dos respondentes afirmaram ter obtido a cidadania brasileira; 88% não a obtiveram, dos quais apenas 24% afirmaram ter interesse em obtê-la e os demais, 64%, não possuem preocupações nesse sentido. Os dados parecem revelar que não há um interesse forte por parte desses imigrantes em adquirir a cidadania brasileira.

Vale destacar que a Itália possui um sistema de controle de sua população residente em outros países. Trata-se da AIRE (Anagrafe Italiani Residenti all'Estero). Tecnicamente, o registro no AIRE é obrigatório para os cidadãos que transferem sua residência para o exterior por períodos superiores a 12 meses (com algumas exceções) e para os que já residem no exterior, tanto por terem nascido ou pela aquisição posterior da nacionalidade italiana.

Apesar de ser uma inscrição obrigatória, não há previsão de sanção em caso de descumprimento. A inscrição, contudo, é pressuposto para o exercício da cidadania (ex. direito de votar em eleições políticas, eleições dos Comites, referendos etc.) bem como para conseguir acessar aos serviços consulares (emissão de passaporte) e exercer alguns direitos (direito de isenção do IVA com consequente obtenção de reembolso IVA sobre bens adquiridos na Itália, direito do italiano trabalhador no exterior de pagar o imposto no exterior).

Por outro lado, a inscrição no AIRE também comporta a perda da assistência sanitária na Itália (salvo a manutenção do direito ao atendimento de urgência por um período máximo de 90 dias), fato que notoriamente representa uma das principais razões de adiamento da inscrição, a qual somente acontece quando o italiano realmente precisa.

Conseqüentemente, enquanto o número de registros de italianos em Minas Gerais, segundo os dados do SISMIGRA, (até o fechamento desta pesquisa) no período destacado (2008-2016) seja de 2.588 pessoas, no mesmo arco temporal, os registros no AIRE no estado se limita a 660 (485 homens e 174 mulheres). Sobre os dados do AIRE há pouca base de pesquisa disponível, tendo sido repassado pelo Consulado italiano uma planilha com informações básicas (ano de chegada, sexo, idade, província de nascimento e local de residência).

Em razão dessas especificidades do AIRE, os pesquisadores perguntaram sobre esse registro. Dos respondentes, 64% afirmaram ter se registrado no AIRE. Neste contexto, vale ressaltar que quase a metade relata uma relação de satisfatória a ótima com o Consulado italiano em Minas Gerais, ao passo que boa parte (20%) não mantém contato ou possui uma relação complicada (24%), sendo ainda que uma pequena percentagem (8%) se mostrou indiferente.

É relevante o fato de 20% dos respondentes não terem relação com o Consulado, sendo esta a instância estatal legítima, no país de destino, que ampara legalmente os imigrantes. A distância da Institucionalidade se revela ao serem indagados acerca de suas relações com outra instituição italiana, o Comitê dos Italianos no Exterior- COMITES, entidade de representação dos italianos no exterior instituído por Lei italiana em todas as circunscrições consulares, que, entre outras prerrogativas, tem função de cooperar com Consulado para a defesa de direitos dos cidadãos italianos, bem como informar o Consulado sobre as necessidades da comunidade italiana.

A maioria (40%) dos respondentes afirmaram não conhecer o COMITES ou, ainda que conheçam, não possuem aproximação (36% disseram que já ouviram falar, mas que não sabem do que se trata). Apesar disso, vale ressaltar que dentre os migrantes que possuem conhecimento do COMITES (24%), a relação é satisfatória, sendo de suficiente (4%) a boa (20%).

Acrescente-se que existem no território mineiro várias associações italianas, algumas mais outras menos conhecidas, sendo que apenas cinco são as que atendem atualmente aos critérios para o reconhecimento do estado Italiano (após recente cancelamento de várias associações regionais).

Ainda assim, no geral, os interlocutores não possuem relação com essas associações italianas (79,2%). No entanto, 54,2% afirmaram ter interesse nessas relações, ao passo que 25% não possuem relação e também não manifestaram interesse em se conectar a elas. Em menor número, 20,8% afirmaram possuir relação com outras associações italianas no estado de Minas.

Outra possível associação italiana acessível aos imigrantes é o Patronato, onde há atividades de consultorias gratuitas e, entre outros, serviços de preparação dos processos previdenciários em favor dos cidadãos italianos e seus familiares. Todavia, apenas 4% dos respondentes afirmou ter relação com o Patronato e outro 4% disse que “às vezes” mantém contato. A grande maioria (92%) não mantém nenhuma relação com o Patronato, o que é notável, visto que ali os imigrantes italianos podem obter amparo a seus direitos.

Passando ao tema de política, 84% afirmaram possuir interesse sobre a política italiana; 8% disseram que “não, mas me interessaria” e 8% disseram que “não, e não me interessa”.

Já quanto à política brasileira, a grande maioria dos respondentes, 80% - apenas 4% menor que a pergunta anterior - manifestaram interesse pela política brasileira. 4% responderam que não têm interesse, mas que têm intenção de se inteirar e os demais, 16%, afirmaram que não têm interesse pela política brasileira e que não pretendem se inteirar dos temas políticos brasileiros. Assim, observou-se que, ainda que estejam no Brasil, o interesse maior dos italianos é a política italiana, e não a brasileira.

Ainda na seara da política nacional, os resultados obtidos informam que o interesse pela política brasileira por parte de 80% dos respondentes não se concretizou em engajamento político, sendo que somente 12% atuam politicamente. 68% não se interessam em aderir a instâncias políticas, ao contrário de 20% que manifestaram este interesse em compor algum partido, associação ou movimento brasileiro. O engajamento dos migrantes nas instâncias políticas, sociais e partidárias brasileiras poderia impulsionar e solidificar a integração social desses imigrantes no Brasil.

A dificuldade em se engajar, apesar do desejo, é assunto que merece aprofundamento. Entre as hipóteses que podem ser aventadas há a dificuldade de se expressar politicamente em um país que saiu da ditadura militar na década de oitenta e que apenas em 2017, após de notória perseguição à professora italiana da UFMG no Brasil<sup>5</sup>, conseguiu revogar expressamente no art. 124 o Estatuto do estrangeiro, inspirado na doutrina da Segurança Nacional, que limitava fortemente, a despeito do ditado da Constituição Federal de 1988, a atuação dos estrangeiros no Brasil, que ainda vivencia uma fase de transição democrática.

Saindo do campo político e adentrando no religioso, a maioria dos interlocutores se afirmam católicos: 12,5% praticantes, e 4,2% não praticantes. Ainda assim, ressalta-se que 8,3% se identificaram como ateus, 8,3% como não pertencentes a nenhuma religião, 4,2% como espírita kardecista e 4,2% como agnóstico.

Quanto aos vínculos territoriais e geográficos de origem desses italianos que atualmente residem em Minas Gerais, foram feitas três perguntas. A primeira delas foi: “Em qual região você nasceu?”, sendo que a maioria são de Piemonte, somando 24% do total; em seguida, a região de Emilia-Romagna, com 12% das respostas, e empatados com 8% vem Sardegnia, Veneto, Campania, Liguria e Lombardia. Com 4% das respostas, os imigrantes advindos da região de Puglia, Basilicata, Calabria, Friuli-Venezia Giulia, Lazio e Marche.

Sobre a cidade de origem na Itália, as respostas foram bem diversas, valendo destacar as cidades de Torino com 16% dos respondentes e Napoli, 8%. E, quanto à última cidade de residência na Itália, também houve grande variação, com certa recorrência, 13%, para Bologna.

Procurando ser objetivos quanto à principal questão da pesquisa, perguntou-se “Por que você deixou a Itália?” Essa resposta é fundamental para pavimentar o caminho em direção à questão seguinte, que indaga se essa mudança teve relação com a crise econômica de 2008.

A grande maioria dos respondentes (56%) apontaram o trabalho e renda como fator central de repulsão e atração em seu movimento migratório; 28% por razões familiares; 16% por motivos educacionais; e os demais respondentes revelaram razões diversas, desde “por seguir um amor” a busca por “qualidade de vida”.

Questionou-se, então, se eles achavam que sua chegada a Minas Gerais tinha algum vínculo com a crise econômica de 2008. Do total, 24% afirmaram que a vinda para o Brasil, e especificamente para Minas Gerais, teve relação com a crise econômica de 2008. No entanto, 76% disseram que não vinculam suas partidas da Itália e chegadas ao Brasil com aquela crise.

Ao explicarem abertamente a que atribuíam a decisão de partir, houve respostas como “Melhores perspectivas de emprego no mercado brasileiro, menos concorrência”; “Trabalhos precários na Itália, no Brasil sou privilegiado”; “Falta de oportunidades profissionais na Itália”; “Já havia planejado investimento financeiro [no Brasil] em 2004”; “Sempre contribuí para o desenvolvimento territorial”; “Escolha de vida profissional não ligada à crise de 2008”; “Por razões familiares, pois meu marido recebeu uma oferta de emprego com muito mais vantagens do que na Itália.”; “Meu marido e eu tínhamos empregos estáveis e um bom salário, mas não gostávamos de morar na Lombardia”; “Quando cheguei, a crise no Brasil não era sentida e trabalho no setor de educação que não foi afetado pela crise”.

<sup>5</sup> Disponível em <https://emporioidireito.com.br/leitura/o-caso-da-professora-maria-rosaria-barbato-da-ufmg-notas-sobre-povo-e-migracao-no-estado-democratico-de-direito-por-alexandre-gustavo-melo-franco-de-moraes-bahia-diogo-bacha-e-silva-e-marcelo-andrade-cattoni-de-oliveira>. Acesso em 13 março 22.

Esta última resposta revela que os migrantes perceberam os modos distintos como a crise de 2008 afetava naquele momento as economias do Brasil e da Itália. Vivendo uma fase de forte crescimento econômico, o Brasil resistia com muito mais equilíbrio aos fortes ventos que vinham do Norte e abalavam o mundo, varrendo pelo ar as certezas até então inabaláveis do mercado financeiro global.

Atualmente, esses imigrantes, em grande maioria dos respondentes, somando 88%, disseram que “trabalham”, sendo que desses, 20% dividem o tempo de trabalho com estudo. 4% responderam que não precisam trabalhar. E 8% encontram-se em situação de desemprego.

### 3.1 Trabalho

Outra questão relevante se refere à modalidade de trabalho exercida por esses interlocutores. Frente às possibilidades possíveis de trabalho, e considerando a própria condição de acúmulo de um ou mais empregos, optamos por permitir que os respondentes marcassem mais de uma opção, o que faz com a somatória das respostas seja superior ao número de respondentes.

Assim, 32% encontram-se em situação de “contrato de trabalho”; 20% são servidores públicos 20%, trabalhadores autônomos; 4%, trabalhador autônomo de plataforma e 8%, trabalhador informal. Na condição de chefia ou investidor, 16% se identificam como “pequeno empreendedor” e também 16% se afirmaram “investidores”.

Foram sugeridas outras duas categorias definidas, a saber, para a condição de chefia/investidor e condição de empregado/autônomo/informal. Esses imigrantes atuam, dentro da primeira categoria, como investidor imobiliário; empreendedor do setor de hotelaria e gastronomia, empreendedor do setor de construção e gestão imobiliária, empresário do setor de sorveteria e marketing e empresário do setor gastronômico.

Quanto à segunda categoria, trabalham nas funções de arquiteto e professor universitário; trabalhador da indústria de automóveis; instrutor em técnicas de aprendizagem; funcionária administrativa de saúde privada; consultor de negócios de indústria automotiva e de manufatura em geral; chefe de cozinha; professor de escola primária; professora e massoterapeuta; professora universitária; professor de Universidade Federa; professor universitário; professor em uma escola italiana; professor de Yoga; e motorista.

Fora das duas categorias oferecidas, houve ainda o registro de trabalho religioso e/ou missionário

Note-se que são ocupações muito distintas daquelas mormente ocupadas por imigrantes de origens distintas como Haiti, Bolívia, Venezuela (cujas razões para migrar têm fundamentos diferentes e respectivamente em desastre natural, crises políticas e econômicas ainda mais severas). Os italianos em Minas Gerais que participaram da pesquisa se posicionam satisfatoriamente no mercado de trabalho, longe de estarem em situação de vulnerabilidade social.

Dos respondentes, nenhum disse receber menos que o correspondente a um salário mínimo; 12% afirmaram receber até dois salários mínimos; 20%, entre três a seis salários mínimos; 40%, entre seis e dez salários mínimos; 4%, entre dez e quinze salários mínimos; e outros 4% disseram receber entre trinta e cinquenta salários mínimos.

Os que afirmaram não possuir salário não se encontram, todavia, na condição de desemprego: essa opção também contempla pensionistas, aposentados e dependentes de rendas advindas de terceiros.

Apesar de ocuparem bons postos de trabalho, estes imigrantes também suportam jornadas de trabalho extensas, como ocorre em geral com a grande maioria dos brasileiros, uma vez que 20% dos respondentes trabalham mais de 44 horas semanais e 56% trabalham 44 horas semanais ou menos.

Outro fator importante destacado pela pesquisa é que 56% afirmaram que sua renda permite um poder de compra em Minas Gerais maior que aquele de que dispunham na Itália, ao passo que 20% dos entrevistados afirmaram que “não”; outros 20% disseram que “não se aplica” e 4% dos interlocutores afirmaram que possuem renda em Minas Gerais.

A discriminação no ambiente de trabalho também não foi apontada como algo recorrentemente presente na vida laboral dos imigrantes italianos em Minas Gerais. Dos respondentes, 88% afirmaram que não sofrem qualquer tipo de discriminação; 8% disseram que tal questão “não se aplica” e apenas um respondente, 4%, afirmou sofrer discriminação no ambiente de trabalho. Este único interlocutor afirmou sofrer preconceitos.

Observa-se, portanto, que se trata de uma população com boa posição profissional, bom nível de renda, embora com jornadas de trabalho extensas, ainda que dentro dos parâmetros nacionais. Talvez, por isso mesmo, interessante apontar que 64% dos respondentes não possuem vínculos com organizações sindicais ou entidades de classe; apenas 24% afirmaram possuir tal vínculo e 12% disseram que essa questão não se aplica à sua atual situação trabalhista.

### 3.2 Educação

Na Itália, *scuola elementare* é aquela em que os alunos frequentam entre a idade de 5 a 10 anos; *scuola media* de 11 a 14. Esses dois graus de ensino representam no Brasil o “Ensino Fundamental”. Já o que aqui é o “Ensino Médio” corresponde à *Scuola Superiore*, que não guarda relação com o “Ensino Superior” no Brasil, sendo o último estágio da escola tradicional.

Feitas essas preliminares, no geral, os dados demonstram uma boa qualificação educacional por parte dos respondentes, cuja formação educacional em geral é bem superior à do brasileiro médio.

Tem-se que o menor grau identificado entre os interlocutores foi o de “ensino fundamental completo” totalizando 4%. 4%, disse ter o ensino médio incompleto. 12% afirmaram ter ensino médio completo. 36% possuem nível superior. 4% possuem especialização, 24% possuem o grau de mestre e os últimos 16% são Doutores.

Considerando que se trata de uma população de alto grau de formação, a validação do diploma surge como um tema relevante. A maioria afirmou não ter tido necessidade de revalidar o diploma para atuação profissional em território brasileiro. 16% afirmaram ter precisado revalidar, sendo que foram relatadas situações como: “revalidei com facilidade”, “tive muita dificuldade”, “tive dificuldade que estavam relacionadas à complexidade dos trâmites burocráticos e ao fato de eu ter tido que recuperar muitos documentos na Itália”.

Quanto à integração no ensino no Brasil, 16% afirmaram que ele e seu/s filho/s estão inseridos no sistema educacional brasileiro; 20% têm apenas filhos que frequentam, enquanto 24% responderem que nem ele, nem o/os filho/s frequentam e 4% responderam que frequentam, mas seu/s filho/s não. 36% dos respondentes disseram que “não se aplica”.

Complementarmente, 36% ressaltaram que não tiveram dificuldades nessa integração e apenas 8% ressaltaram que tiveram alguma dificuldade para sua inserção ou de seus filhos no sistema educacional brasileiro. A grande maioria dos respondentes disseram que “não se aplica”.

Estes dados demonstram uma sólida integração dos italianos residentes em Minas Gerais ao sistema educacional brasileiro. A inserção das crianças sugere que a situação da mudança da Itália, em muitos casos, envolve todo o núcleo familiar.

### 3.3 Saúde

Os vínculos com plano de saúde, ou o uso dos mecanismos da saúde pública brasileira, é uma informação útil para a compreensão do perfil dos imigrantes italianos em Minas Gerais, após 2008. Assim, 64% afirmaram que utilizam os sistemas privados de saúde no Brasil. Outros 36% disseram que não o utilizam.

Já quanto à utilização do SUS, 36% dos respondentes afirmaram que se utilizam do SUS; 32% disseram não utilizar; 24% utilizam “às vezes” e para 8% dos entrevistados, essa questão não se aplica.

O fato de que 32% dos entrevistados prescindem da utilização do SUS, um sistema gratuito e universal, pode ser explicado pelo bom padrão econômico deste público, sendo comum no Brasil que o Sistema Único de Saúde seja utilizado mais amplamente pelas populações de baixa renda.

Quanto à manutenção de vínculos com o país de origem, 56% disseram que não possuem esse vínculo com médicos na Itália; 24% responderam que às vezes ainda acionam esses profissionais, e 20% ressaltaram que mantém esses vínculos. A aderência ao acompanhamento de saúde por médicos brasileiros dá indício da criação de laços de confiança com o sistema médico nacional.

### 3.4 Questões Complementares

A respeito das maiores dificuldades que encontraram no Brasil, as respostas foram bastante pessoais. A segurança foi apontada por 16% dos interlocutores: “adaptação e segurança”; “falta de segurança”; “dificuldade em se adaptar com a falta de segurança”. Uma respondente afirmou: “Acostumei-me a prestar mais atenção às questões de segurança. Nunca tive problemas ou sofri ataques, nem vivo na paranoia, mas tenho uma percepção clara de que aqui mudei certos hábitos e certos comportamentos que não eram naturais para mim desde que morei na Itália e na Europa”.

Outro problema espontaneamente levantado diz respeito à burocracia proveniente do processo de obtenção do visto e a relação com o Consulado. Um interlocutor disse que “As regras de pedido de visto mudaram enquanto eu estudava as possibilidades”; outro questionou a “burocracia” brasileira. Um interlocutor se queixou do “Apoio do Consulado e Governo Italiano. Aqui estamos sozinhos. Não existe uma política de saúde para os italianos no exterior”. Além das dificuldades para obtenção do visto, surgiu também a questão das dinâmicas dos cartórios brasileiros: “Outra coisa absurda pra mim são os cartórios, que considero organizações criminosas legalizadas com a cumplicidade de outras entidades, como bancos, etc, que se entregam o documento sem o ‘carimbo’ ele não possui validade” (sic).

Questões de choque cultural também foram postas pelos interlocutores, tendo um afirmado a “língua” foi um problema encontrado por ele no Brasil; outro mencionou dificuldades em lidar com a “cultura” brasileira; “xenofobia” também surgiu em uma resposta; outro afirmou que a “mentalidade de classe média e alta”, referendadas por “Bolsonaro e o bolsonarismo” como um obstáculo à sua adaptação; e, por fim, um interlocutor disse ter resistência em relação à “integração com a mentalidade brasileira”.

Uma resposta ressaltou que este “é um momento econômico difícil para encontrar trabalho no sistema educacional, que é o que eu gostaria de fazer. De forma mais geral, também considero difícil o momento político, social e cultural que este país vive”. As demais respostas relacionadas ao trabalho vieram da perspectiva dos empregadores, que ressaltaram a dificuldade de encontrar “profissionais de confiança”, e de “encontrar pessoal qualificado e sério”.

Um interlocutor também se queixou que “trabalha muito e ganha pouco”; outro reafirmou a dificuldade em “aceitar a desigualdade de classe”, e, por fim, um respondente chegou a reclamar dos “mosquitos”.

Sobre o interesse em retornar à Itália, as respostas foram muito diversificadas. Os que pensam em retornar apresentaram os motivos como: “segurança e estilo de vida”; “qualidade de vida e poder aquisitivo”; “motivos familiares”; “quando aposentar”. Um interlocutor disse ter a intenção de “aplicar na Itália o que aprendi no Brasil: Yoga, capoeira e cultura popular”. Outro disse que pretende retornar à Itália por questões políticas: “as atuais condições políticas e sociais do Brasil me levam a querer cada vez mais que ele se distancie desse regime pseudo-fascista e fundamentalista evangélico que o Brasil se tornou” (sic).

Por fim, os interlocutores disseram que eles tinham sugestões para melhorar a qualidade de vida dos imigrantes italianos em Minas Gerais. Uma respondente disse que “seria ótimo que os italianos recebessem informações básicas, imediatamente ao entrar no Brasil. Eu cheguei e tive que descobrir coisas por mim mesma, enquanto há órgãos, como os comitês, que devem ser a referência para todos os italianos que entram. Uma espécie de balcão de informações gerais imediatas. E seria ótimo se os italianos que chegam fossem informados imediatamente dessa possibilidade”.

O Consulado surgiu novamente: “que o Consulado funcione melhor e os coloque em contato uns com os outros”; “melhorar o serviço do Consulado”. Normalmente, o tema está associado às possibilidades de associações entre os italianos: “Unindo e criando uma forte comunidade italiana, para não perder nossas origens”; “unir-se”; “foco no associativismo”.

Alguns respondentes, noutra via, optaram por ressaltar a adaptação à realidade brasileira: “aceitar que o Brasil tem outra cultura e outros costumes e tradições, se você quiser morar aqui. Não adianta ficar aqui reclamando de tudo constantemente”; “adaptar-se à cultura brasileira”. Um interlocutor afirmou “a necessidade de ter uma maior coordenação entre as instituições governamentais e as associações privadas, para tentar envolver mais os concidadãos”. Essa iniciativa é louvável, pois visa conhecer os italianos que vivem aqui. Eu entendo a dificuldade dada a grandeza do estado de Minas e do Brasil”.

Também foram feitas críticas ao governo brasileiro: “precisamos de um governo melhor”; “fora Bolsonaro”; e “acredito que a melhoria das condições de vida dos habitantes em geral também beneficia as comunidades de imigrantes em si”.

Há também algumas questões pontuais como a necessidade de “assistência sanitária e educacional”; “revalidação do diploma”; “cursos de idiomas para estrangeiros e ajuda na compreensão do sistema bancário brasileiro”; “lidar com o tráfego rodoviário é extremamente perigoso” e um interlocutor afirmou a necessidade de “instalar a televisão italiana no Brasil”.

#### 4 A CRISE DE 2008 E AS MIGRAÇÕES NO PÓS-CRISE: FATOS E PERCEPÇÕES

Conforme os dados coletados pelo questionário da pesquisa, quando perguntados se faziam alguma relação entre sua migração e a crise de 2008, apenas 24% afirmaram que sim, ao passo que 76% disseram não existir uma relação de causa e efeito entre os dois eventos.

Por outro lado, apesar de a maioria dos participantes não creditarem seu deslocamento migratório à crise 2008, diretamente, deve-se considerar que, ao mesmo tempo, as razões econômicas e sociais são as mais apontadas como responsáveis por essa tomada de decisão.

Nesse sentido, 56% disseram que o motivo da mudança de país foi decorrente de trabalho e renda; 28% afirmaram que se tratou de razões familiares; 16% disseram que os motivos foram educacionais; e os demais respondentes revelaram motivos de outras naturezas, desde “por seguir um amor” e “qualidade de vida”.

Vale citar que o Progetto “Nuovi Arrivati”, uma pesquisa semelhante a esta realizada por Pier Francesco de Maria (2016), pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP (IFCH/UNICAMP), também apurou que o trabalho é apontado em primeiro lugar entre os principais motivos que levam os entrevistados (imigrantes italianos que chegaram ao Brasil no período de 2000-2015) a deixar a Itália<sup>6</sup>.

Assim sendo, apesar de as impressões dos participantes da pesquisa não estabelecerem de modo claro e definitivo uma relação direta entre a crise financeira de 2008 e suas vindas para o Brasil, os registros de novos migrantes italianos em Minas Gerais nos anos seguintes à crise revelam alterações importantes, comparativamente aos anos imediatamente anteriores.

Embora possa haver pequenas diferenças estatísticas em razão de escolhas metodológicas em relação a esta pesquisa, dados colhidos junto ao Observatório das Migrações em São Paulo informam que entre os anos de 2000 e 2007, houve o registro de 740 italianos no estado de Minas Gerais<sup>7</sup>. Segundo nossos levantamentos, os nove anos seguintes, de 2008 a 2016 registrariam 2044 pessoas, um aumento significativo, comparando-se àquele período imediatamente anterior à crise, conforme pode-se verificar no gráfico abaixo. Os dados da Unicamp são aqui utilizados como referência para demonstrar o aumento gradual no fluxo de imigrantes italianos no Brasil entre os anos 2008 a 2016, inclusive destacando o pico ocorrido em 2014, quando somente neste ano mais de 3500 pessoas de nacionalidade italiana deram entrada no Brasil com mais de 4000 se registrando na Polícia Federal.

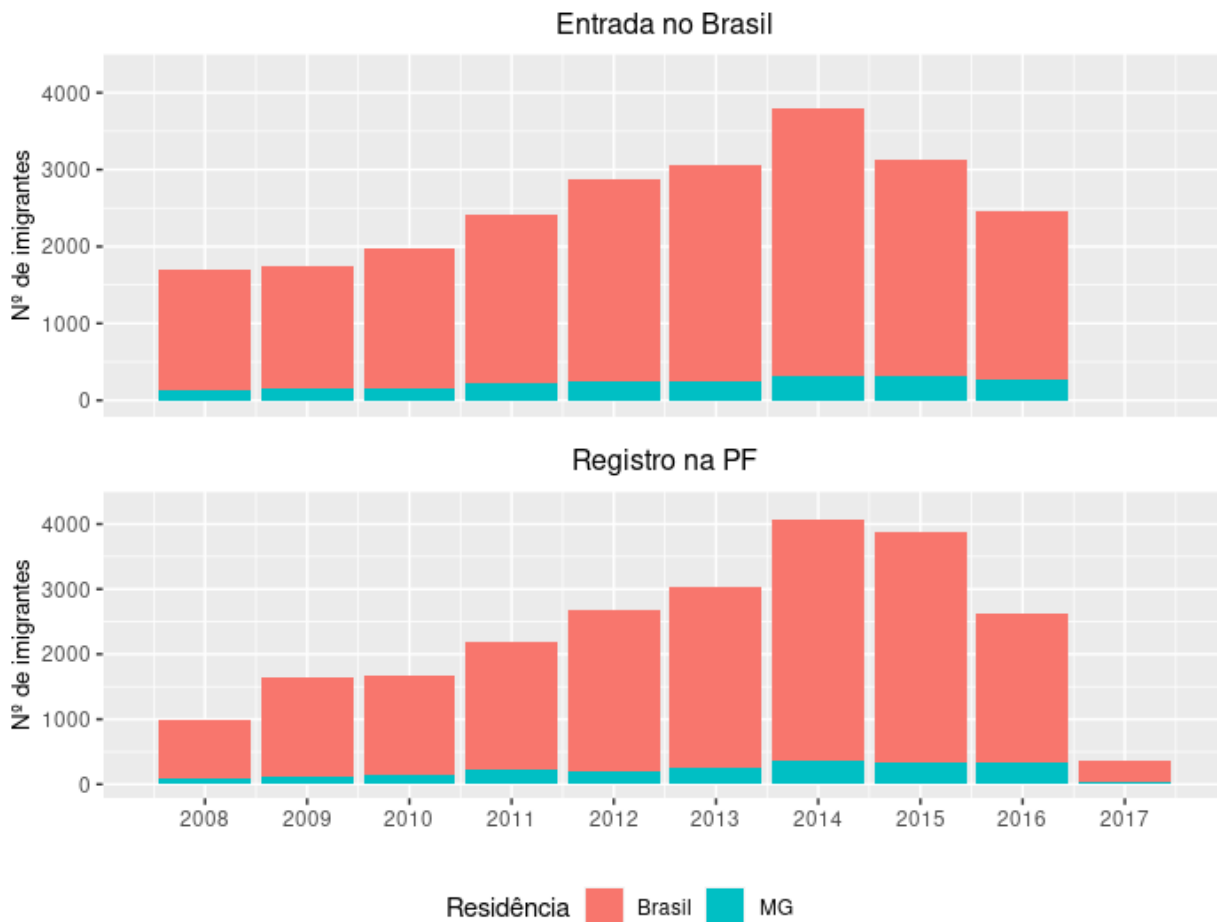
---

<sup>6</sup> Progetto “Nuovi Arrivati” – Comitato degli Italiani all’Estero (COM.IT.ES) di São Paulo. Tabulazioni: Observatório das Migrações em São Paulo (Fapesp-CNPq/NEPO-UNICAMP). Elaborazione: Pier Francesco De Maria).

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/sincro-sismigra/>. Acesso em 16 abril 2022.



**Gráfico do número de imigrantes italianos versus ano de entrada no Brasil/MG, para o gráfico superior; de registro na PF, para o gráfico inferior.**



Assim sendo, surpreende o fato de a maioria dos respondentes não atribuir uma relação entre a migração e a crise econômica, ao mesmo tempo em que também a maioria atribui essa migração à busca de trabalho e renda, ou de melhor qualidade de vida ou mesmo de melhores oportunidades educacionais. Pode-se refletir, assim, sobre as razões mais profundas, além da realidade aparente, que motivaram essas pessoas a deixar a Itália.

O momento econômico italiano quando esses imigrantes deixam o país era, sem dúvida, um período extremamente ruim, tanto que até hoje a Itália, por uma série de fatores, ainda não conseguiu se recuperar satisfatoriamente em termos políticos e, principalmente, econômicos. É fato que a crise de 2008 contribuiu em grande medida para o aprofundamento da instabilidade generalizada naquele país e, sendo assim, é improvável que os efeitos dessa crise não tenham sido sentidos também pelos imigrantes italianos participantes da pesquisa.

Pode-se indagar, assim, por que, ao pensar sobre suas realidades, uma crise financeira tão profunda e marcante não entra na perspectiva de análise de pessoas sobre quem é possível supor que foram ao menos indiretamente atingidas por ela, a ponto de deixar seu país, justamente buscando novas possibilidades de trabalho e renda. Será por que, ao contrário do que indicam as evidências, essas pessoas não foram de fato afetadas pela crise ou será por que, apesar de terem sido afetadas, outros fatores impedem que elas possam ter uma visão mais clara de suas condições materiais de vida?

Entende-se que esse questionamento é cabível face ao predomínio de uma racionalidade que coloca sobre os ombros do indivíduo todo o peso de sua existência, responsabilizando-o

exclusivamente por seu sucesso ou fracasso, diante de um sistema econômico cada vez mais complexo, oprimente e totalizante. Por outro lado, deve-se igualmente preservar a validade das respostas obtidas e, assim, esses questionamentos, para serem devidamente esclarecidos exigem novas pesquisas, em que esses pontos possam ser debatidos com os participantes de modo mais aprofundado, permanecendo aberta essa possibilidade para futuras incursões de campo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos os resultados da pesquisa, o perfil do atual imigrante italiano em Minas Gerais pode ser assim esboçado: homens e mulheres, sendo em sua maioria: casados, com idade entre 35 e 40 anos, ensino superior completo, católicos, praticantes e não praticantes, e com remuneração mensal entre 6 e 10 salários mínimos. Possuem bom poder aquisitivo e fazem uso de sistemas privados de saúde e educação no Brasil. Não relatam dificuldades sérias com a língua portuguesa. Possuem Visto Permanente e não têm interesse em ter cidadania brasileira.

Quando possuem vínculos com o Consulado e Comites, o relacionamento em geral é bom, porém há queixas quanto ao funcionamento dessas instituições, especialmente o Consulado, quanto à burocracia para obtenção de Visto e à função de aproximação entre italianos em Minas Gerais. Não há muito contato com outras associações italianas. Foi manifestado o desejo de uma maior conexão entre os imigrantes italianos em Minas Gerais, embora não haja por parte dos próprios sujeitos que manifestaram esse desejo nenhum movimento espontâneo em direção a criação desses laços. Há interesse nas políticas italiana e brasileira, no entanto, em geral esse interesse não é convertido em participação efetiva em organizações e atividades políticas. Em sua maioria, em geral, não possuem vínculos com organizações sindicais e entidades de classe.

É certo que crises econômicas globais como a de 2008 agravam ainda mais o cenário de desemprego estrutural predominante no capitalismo contemporâneo, marcadamente financeirizado e neoliberal. Esse cenário agravado gera diversas consequências no mundo do trabalho, entre as quais, o deslocamento de pessoas em busca de melhores oportunidades profissionais.

Neste contexto, deve-se ponderar que 24% dos respondentes afirmaram que migraram em razão da crise e, ainda, 56% dos participantes disseram que o motivo da mudança de país foi decorrente de trabalho e renda.

Assim, é possível concluir que a referida crise afetou esse movimento migratório, pois a saída da Itália se dá justamente durante um momento de grande instabilidade econômica no território italiano e por razões que na maior parte das vezes estão inseridas no campo econômico. Além disso, observou-se ao mesmo tempo um aumento gradual da entrada de pessoas com nacionalidade italiana no Brasil, e em Minas Gerais, entre 2008 e 2016, atingindo-se um pico no ano de 2014, indicando que os anos que sucederam a crise de 2008 foram responsáveis por uma rememoração (*ricordo*) dos fluxos migratórios que marcam os laços históricos entre Brasil e Itália.

Por fim, importa anotar que, de modo geral, o público-alvo da pesquisa não se encontra em situação de vulnerabilidade econômica ou social. Em sua maioria, os respondentes têm jornadas de trabalho que, apesar de extensas, se mantém próximas dos limites legais brasileiros, possuem estabilidade em seus respectivos empregos ou atuam em atividades autônomas com as quais se encontram satisfatoriamente estabelecidos e acreditam que seu poder de compra no Brasil seja superior ao que seria se estivessem residindo em seu país de origem.

## REFERÊNCIAS

AVRITZER, Leonardo; MARONA, Marjorie. “A Tensão entre Soberania e Instituições de Controle na Democracia Brasileira”. *Dados* [online]. 2017, vol.60, n.2, pp.359-393.

BARBATO, L'intervista/Coronavirus, imprese italiane in Brasile a disposizione (1) (2)(3)(4) (entrevista concedida a) 9colonne. disponível em <https://www.9colonne.it>.

BARROS, C. Reis. *Trabalho e território de haitianos na região metropolitana de Belo Horizonte: precariedade e resistência*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 2017.

CATTONI DE OLIVEIRA, M. A.; BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco de Moraes ; Silva, Diogo Bacha e. O caso da professora Maria Rosaria Barbato, da UFMG: notas sobre povo e migração no Estado Democrático de Direito. *Empório do Direito*, v. 1, p. 1-1, 2016, disponível em: <https://emporiiododireito.com.br/leitura/o-caso-da-professora-maria-rosaria-barbato-da-ufmg-notas-sobre-povo-e-migracao-no-estado-democratico-de-direito-por-alexandre-gustavo-melo-franco-de-moraes-bahia-diogo-bacha-e-silva-e-marcelo-andrade-cattoni-de-oliveira>. Acesso em 13 março 2022.

D'AMBROSO, Marcelo J. F.; LIMA, L. F. . A tutela do trabalho da pessoa migrante no Brasil. 1. ed. Porto Alegre: Elegancia Juris, 2018.

DAVANZATI, Guglielmo Forges; GIANGRANDE, Nicolò. A crise econômica italiana e a proposta do estado como inovador de primeira instância. *RBEST: Revista Brasileira de Economia Social e do Trabalho*, v. 1, p. e019004-e019004, 2019.

DE MARIA, Pier Francesco. Progetto “Nuovi Arrivati– Comitato degli Italiani all’Estero (COM.IT.ES) di São Paulo. Tabulazioni: Observatório das Migrações em São Paulo (Fapesp-CNPq/NEPO-UNICAMP). Elaborazione: Pier Francesco De Maria).

FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América-Latina*. São Paulo: EDUSP, 2000.

FONDAZIONE MIGRANTES. Rapporto italiani nel mondo 2011 Roma: IDOS Centro Studi e Ricerche, 2011

GOMES, Angela de Castro. *Imigrantes Italianos: entre a italianità e a brasilidade*. In: Brasil: 500 anos de povoamento/ IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

PAVOLINI, Emmanuele; RAITANO, Michele. L'Europa mediterranea fra diritti sociali e crisi economica: il welfare state ai tempi dell'austerità: un'introduzione. *L'Europa mediterranea fra diritti sociali e crisi economica: il welfare state ai tempi dell'austerità: un'introduzione*, p. 9-30, 2015.

PEREIRA, Lígia Maria Leite; FARIA, Maria Auxiliadora de; BRANDÃO, Lena. *Minas/Itália: um encontro cultural*. Itaúna: Edição da Associação Universo Cultural e Assistencial, 2012.

PEREIRA, Lígia Maria Leite; FARIA, Maria Auxiliadora de. *Indústria Mecânica do Estado de Minas Gerais – Memória Histórica*. Belo Horizonte: Sindmec/Fiemg, 2007.

RIBEIRO, Juliana Carvalho. “Novos espaços da imigração Boliviana no Brasil: perfil e tendências de inserção laboral em Belo Horizonte”. *Anais da reunião da ABEP*. 2019.

SINGER, Paul. O combate à crise pelo governo federal. Disponível em :<https://teoriaedebate.org.br/2009/03/01/o-combate-a-crise-pelo-governo-federal/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. [S.l.]: Livraria Nobel, 1989.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. “Perfil imigratório no Brasil nos censos de 2000 e 2010”. *Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território*. Rio de Janeiro. Porto Alegre: Editora Letra1; Rio de Janeiro: REBRAGEO, 2014.